

EDUCAÇÃO e TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Propriedade
Instituto Politécnico da Guarda

Director
Álvaro Bento Leal

Redacção
Serviços Centrais do I.P.G.
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro nº 50 * 6300 Guarda
Telef. (071) 222634 * Telecópia (071) 222690

Composição
Gabinete Editorial do I.P.G.

Execução Gráfica e Impressão
Secção de Reprografia do I.P.G.

Periodicidade
Semestral

Tiragem
1.000 ex.

Depósito Legal
nº 17.981/87

Capa: Centro de Audiovisuais do IPG

nº XVI - Agosto de 1995

ACTUAÇÃO INTERVENTIVA

Como docente tenho acompanhado e colaborado, desde o seu início, nesta Revista que, bem cedo, se implantou e afirmou, evoluindo a par da actividade deste estabelecimento de ensino superior.

Hoje, e nas funções que desempenho, não podia deixar de me congratular com o percurso assumido pela "Educação e Tecnologia" e de continuar a dispensar a atenção que merece uma Revista com estas características.

Neste contexto, importará sublinhar que, semestralmente, as páginas desta publicação — no seu décimo sexto número — têm possibilitado a divulgação de inúmeros trabalhos, de conteúdos bem diferenciados, com uma ampla abrangência, mercê da linha editorial definida.

Continuaremos a pugnar pela sua qualidade, pela permanente abertura à colaboração, crítica e activa, rigorosa e participativa, por uma actuação cada vez mais interventiva, dentro dos parâmetros da sua própria especificidade.

Dentro do quadro definido com a publicação dos Estatutos do Instituto Politécnico e com a eleição dos seus órgãos directivos, a nossa revista continuará a ser, estou certo, um meio de comunicação prestigiado e prestigiante, em torno do qual vamos continuar a incentivar novas colaborações. Hoje, como ontem, defendemos a realização da evolução do IPG, de uma forma plena e participada.

Álvaro Bento Leal
Presidente do IPG

Da eficácia do verbo no Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda

Dulce Helena Morgado Ralmundo*

Introdução

"Vieira, pour qui le sermon fut toujours un véritable combat, voulait avec passion que les paroles prononcées dans la chaire fussent efficaces. Pour cela une condition lui semblait indispensable: être compris"⁽¹⁾. O seu mais precioso auxiliar para levar a cabo tão difícil quanto nobre missão foi o "idioma patrio"⁽²⁾. Na verdade, este "...tornou-se em suas mãos um instrumento docil, poderoso e irresistível. Ninguém lhe conheceu mais intimamente os segredos, ou fundiu de mais brilhantes metaes a liga, em que sinzelou as imagens e esculpiu as frases"⁽³⁾. Os numerosos sermões que Vieira deu a lume constituem, de facto, testemunho sobremaneira elucidativo de que o pregador soube aproveitar a riqueza de matérias-primas que a Língua Portuguesa conglomerava, desafiando constantemente o seu audifório a trilhar o caminho do Bem.

* Assistente na E.S.T.G.

(1) Cantel, 1959:37.

(2) Silva, 1972:298.

(3) Silva, 1972:298.

Pronomes, substantivos, advérbios, verbos, adquirem, pois, sob a sua pena, uma dimensão nova, constituindo um verdadeiro "esquadrão de ataque", invencível quando o propósito é izar a bandeira da Fé. Temos consciência de que cada "arma estratégica" adoptada por Vieira seria susceptível de dar azo a fecundo e vasto comentário. No entanto, na breve reflexão que nos propomos encetar, tendo como base de trabalho o "Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda", daremos ênfase, sobretudo, a um desses múltiplos recursos de que o pregador tão bem se serve para conferir aos seus sermões uma inesgotável gama de invulgares tonalidades - referimo-nos à utilização que faz dos tempos e modos verbais. Procuraremos, pois, descortinar as cambiantes discursivas pelas quais o pregador opta nas diferentes partes do sermão e notar de que forma a preferência por determinado tempo ou modo contribui para o delinear de uma estratégia que procura sempre ter como apanágio a eficácia.

1- A inusitada exploração da tessitura verbal

"O verbo é a condição indispensável a todo o discurso: e onde ele não exista, pelo menos de maneira virtual, não é possível dizer-se que há linguagem"⁽⁴⁾.

a) Do Exórdio

O "Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda" institui-se enquanto exemplar espelho que reflecte a angústia de um povo atormentado⁽⁵⁾ sobre o qual paira a ameaça de um ataque eminente que terá como protagonista um dos maiores inimigos da Religião Cristã - o povo holandês. Vieira aproveita a ocasião para invocar o brilho de gloriosas épocas passadas das quais tanto se afasta a realidade correspondente ao momento em que enuncia o sermão - o que faz, desde logo, antever, que será um quadro pintado de negras cores aquele que um futuro ameaçadoramente próximo reservará aos habitantes da Baía. O pregador ergue, pois, bem alto a sua voz, exigindo a Deus que

(4) Foulcault, 1988:146-147.

(5) É elucidativa, a esse propósito, a descrição que João Lúcio de Azevedo faz acerca do ambiente de tensão que se respirava na Baía: "Achava-se a cidade em perigo; nos arredores as pequenas povoações e os engenhos destruídos; os assaltantes não davam quartel, só as mulheres e crianças eram poupadas" (Azevedo, 1918:46).

abandone o estado de inércia a que se tem votado⁽⁶⁾ e seja pastor acautelado de seu rebanho. Vejamos o início do sermão: "Exurge, quare obdormis, Domine? Exurge, et ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis, oblivisceris inoplae nostrae, et tribulationis nostrae? Exurge, Domine, adjuva nos et redime nos propter nomen tuum. Com estas palavras piedosamente resolutas⁽⁷⁾ mais protestando que orando dá fim o Profeta Rei ao Salmo quarenta e três - Salmo que desde o princípio até ao fim não parece senão cortado para os tempos e ocasião presente" (sublinhado nosso)⁽⁸⁾. Dado o aspecto inacabado do Gerúndio permitir "...*expressir a ideia de progressão indefinida*..."⁽⁹⁾, o pregador converte-se, desde logo, em agente continuador da acção outrora encetada por David: "*Não se tematiza ele em objecto de uma fala, mas em seu sujeito enunciador, e é como tal que toma uma posição "histórica", segundo Saraiva, posição equivalente à de Moisés ou David. O padre Vieira é Moisés, David ou Job, não para neles se retratar, mas para poder falar como eles, do mesmo lugar enunciativo*"⁽¹⁰⁾. O seu discurso adquire pois, desde o início, superior eficácia. É, aliás, ao serviço desta última que Vieira introduz, imediatamente a seguir, um dos contrastes que, do nosso ponto de vista, se instituirá enquanto uma das linhas mestras do sermão - o contraste entre o Passado e o Presente: "Vamos lendo todo o Salmo, e em todas as cláusulas dele veremos retratadas as da nossa fortuna; o que fomos, e o que somos" (sublinhado nosso)⁽¹¹⁾. Graças à oposição sistematizada pelo emprego do Pretérito Perfeito Simples do Indicativo e do Presente do Indicativo, cava-se imediatamente um fosso entre duas realidades distintas correspondentes quer a um estádio anterior afastado do presente - "o que fomos" - quer à actual condição existente - "o que somos". E se o pregador veste o hábito de profeta⁽¹²⁾, reproduzindo fragmentos do Salmo anunciado que se atreve a traduzir, logo de início, abusivamente - "...*dada a intenção "acomodatícia", como se dizia, à história da expansão portuguesa da fê cristã*..."⁽¹³⁾ - importa sobretudo

(6) O facto do sermão ser proferido com o Santíssimo Sacramento exposto - atitude claramente barroca - prova, desde logo, que se pretende empreender luta feroz e aberta em presença do adversário

(7) Classificar como "...piedosamente resolutas..." as palavras do Salmo é já apontar para duas matizes do discurso: o seu tom afolto será atrosamente temperado pela devoção a Deus. Na mesma linha de pensamento se enquadra a forma como David é classificado, "...piedosamente atrevido..." (cf.pág.300, L.33).

(8) Cf.pág.297.

(9) Cunha, 1984:489.

(10) Mendes, 1989:259

(11) Cf.pág.298.

(12) Repare-se como algumas das afirmações que profere constituem um claro testemunho de tal facto: "...começa o profeta..." (pág.298, L.10); "...passa o profeta..." (pág.299, L.5); "...descreve David neste Salmo..." (pág.299, L.34 e pág.300, L.1); "...o mesmo profeta nos dá o desengano..." (pág.300, L.11. Sublinhado nosso).

(13) Mendes, 1989:258.

salientar que ao lançar mão de inúmeros verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (por ex. "obrou"; "venceu"; "sujeitou"; "despojou"; "plantou"; "dilatou" e "estendeu")⁽¹⁴⁾, concedendo amplo destaque ao procedimento de Deus no Passado, Vieira põe habilmente a nu a injustiça que reina no momento em que profere o sermão, fortemente distante das merecidas vitórias que os portugueses anteriormente conquistavam. A mudança operada autoriza, desde logo, imediato "ataque" à instância divina: "...fazels que voltemos as costas a nossos Inimigos (que como são açolte de vossa justiça, justo é que lhe dêmos as costas..." (sublinhado nosso)⁽¹⁵⁾. Se a preferência pelo Presente do Conjuntivo é assaz eficaz, na medida em que possibilita alicerçar o tom recriminatório do orador perante Deus, não pode deixar de apreciar-se a forma como a segunda expressão que sublinhamos se reveste de um duplo significado. De facto, "dar as costas", tanto pode funcionar em parentesco de sinonímia com "voltar as costas" como incutir habilmente um tom irónico ao discurso, dada a rapidez com que os holandeses, na época, destroçavam as "costas"⁽¹⁶⁾. São, de facto, dramáticas as imagens que apresenta do terrível morticínio: "Os velhos, as mulheres, os meninos que não têm forças, nem armas com que se defender, morrem como ovelhas inocentes às mãos da crueldade herética, e os que podem escapar à morte, desterrando-se a terras estranhas, perdem a casa e a pátria..." (sublinhado nosso)⁽¹⁷⁾. O Presente do Indicativo institui-se, desta feita, em poderosa arma contra o "adversário", na medida em que permite ao pregador proclamar objectiva e energicamente as duras verdades que cumpre serem ditas.

Numa segunda fase do Exórdio retoma-se o contraste entre os tempos idos e a actualidade. É já grande a audácia do pregador: "Com tanta propriedade como isto descreve David neste Salmo nossas desgraças, contrapondo o que somos hoje ao que fomos enquanto Deus queria, para que na experiência presente, crezca a dor por oposição com a memória do passado" (sublinhado nosso)⁽¹⁸⁾. O contraste enunciado é tanto mais evidente quanto fica bem claro que o prolongamento da felicidade que reinava anteriormente não é mais assegurado pela vontade expressa de Deus. É, aliás, para este último que Vieira decisivamente aponta ao considerar que o Reino de Portugal "...é reino seu e não

(14) Cf. pág. 298.

(15) Cf. pág. 299.

(16) É, de facto, extraordinária a sensibilidade semântica do orador do ponto de vista denotativo. João Lúcio de Azevedo refere, a propósito do avanço dos holandeses "Depois das esperanças fundadas na armada saída em novembro, a situação era trágica. A dura réplica não tardara, e o almirante Lichthardt fora com vinte navios devastar a costa, na vizinhança da Bahía" (Azevedo, 1918: 46).

(17) Cf. pág. 299.

(18) Cf. pág. 300.

nosso...”, atribuindo-lhe diversas responsabilidades - "...é o rei..."; "...manda..."; "...governa..."; "...é o que causa estas diferenças..."(19). O espírito combativo do pregador fica, de resto, sobremaneira a nu quando, apoderando-se das palavras proferidas por David(20), o orador destaca sobejamente o desprezo que tem funcionado como apanágio do poder divino, acusando: "Deus...aparta de nós os olhos e ...volta o rosto", "...esquece da nossa miséria" e "...não faz caso de nossos trabalhos"(21). Se o Presente do Indicativo se coloca novamente ao serviço do pregador para que este proclame energicamente o que ele próprio designa de "verdade certa e sem engano", é indubitável que ao exortar posteriormente Deus a "...que acorde, e que não deixe chegar os danos ao fim", Vieira sublinha, de forma superiormente eficaz, a necessidade da entidade divina pôr cobro ao "sono" a que se entregou(22). O tom de desafio que impregna o discurso é sobremaneira revelador das intenções do pregador: se "...protesta diante do tribunal de sua justiça e piedade, que tem obrigação de nos acudir, de nos ajudar, de nos libertar logo: *Exurge, Domine, adjuva nos et redime nos*" (sublinhado nosso)(23), aquilo que exige é o cumprimento de um dever, conferindo a construção Ter obrigação de + Infinitivo um maior vigor à mensagem veiculada(24).

O grau supremo de veemência é, porém, atingido quando o pregador se "desnuda" completamente perante o "adversário" que escolheu - Deus. Surge pela primeira vez o pronome pessoal forma de Sujeito na primeira pessoa do singular - eu(25) - e Vieira aponta decisivamente para o objecto do seu ataque: "Não hei-de pregar hoje ao povo, não hei-de falar com os homens, mais alto hã-de sair as minhas palavras ou as minhas vozes: a vosso peito divino se hã-de dirigir todo o sermão" (sublinhado nosso)(26). Repare-se como a harmoniosa sucessão de Futuros Perifrásticos escolhida pelo pregador lhe possibilita enfatizar o seu firme propósito de conduzir tenazmente todo o seu sermão até ao "peito divino" de Deus, surgindo, pois, reforçado o objectivo que o norteia desde o início do sermão: "acordar" a entidade divina para que aja em prol da salvação dos Homens. Compreende-se, assim, que lhe lance terrível "ameaça": "Todos estes dias se cansaram debalde os oradores evangélicos em pregar

(19) Cf.pág.300.

(20) Mendes, 1989:257.

(21) Cf.pág.301.

(22) O facto deste "sono" perdurar de forma indefinida no tempo é vincado pelo Gerúndio "dormindo". Dai a exortação a "...que acorde, e que não deixe chegar os danos ao fim..." e o pedido da razão que o move "...Insta a que lia de uma e outra vez...".

(23) Cf.pág.301.

(24) Aliás Ter de + Infinitivo exprime já, segundo Paul Teyssler, uma obrigação (Teyssler, 1989:317). Há, pois, intenção de se insistir nessa ideia. Por outro lado, "...obrigar o mesmo Senhor..." frisa a vontade de o coagir a agir.

(25) Cf.pág.301, L.26 e 38 e pag.302, L.13.

(26) Cf.pág.301.

penitência aos homens; e pois eles se não converteram, quero eu, Senhor, converter-vos a vós. Tão presumido venho de vossa misericórdia, Deus meu, que ainda que nós somos os pecadores, Vós haveis de ser o arrependido"⁽²⁷⁾. É interessante a demarcação, desta feita através do pronome pessoal, de dois "campos opostos": aquele em que ele se inclui, solidarizando-se com o povo em sofrimento - daí a passagem da primeira pessoa do singular do pronome pessoal à sua correspondente do plural⁽²⁸⁾ - e o que Deus ocupa. Por outro lado, o contraste estabelecido entre as acções levadas a cabo por outros no passado recente (aliás em vão)⁽²⁹⁾ e a sua arrojada forma de intervir no presente em que enuncia o sermão são sinónimos da urgência de soluções a perfilhar. O final do Exórdio, prova inequívoca do génio vieiriano, corrobora, aliás, dessa urgência. Atente-se, em primeiro lugar, no uso da expressão "*Adjuva nos et redime nos*": "O que venho a pedir ou protestar, Senhor, é que nos ajudeis e nos liberteis: Adjuva nos, et redime nos. Mul conformes são estas petições ambas ao lugar e ao tempo. Em tempo que tão oprimidos e tão cativos estamos, que devemos pedir com maior necessidade senão que nos liberteis: Redime nos? E na casa da Senhora da Ajuda, que devemos esperar com maior confiança, senão que nos ajudeis: Adjuva nos?"⁽³⁰⁾. No intuito de reforçar aquilo que pretende - o rápido auxílio divino - Vieira, numa primeira instância, encadeia habilmente a expressão no discurso após o emprego de um conjuntivo com valor exortativo, integrando-a, posteriormente, numa interrogação, para poder interpelar directamente Deus, exigindo-lhe uma resposta imediata que resolva o estado de "opressão" e "cativo" em que se encontram os habitantes da Baía. Norteadado pelo objectivo de persuadir o "adversário" da validade dos seus argumentos, o pregador invoca arditamente o Seu Nome, jogando com palavras retiradas do Salmo: "Se a causa fora só nossa, e eu viera rogar só por nosso remédio, pedira favor e misericórdia. Mas como a causa, Senhor, é mais vossa que nossa, e como venho a requerer por parte de vossa honra e glória, e pelo crédito de vosso nome: *Propter nomen tuum*, razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça"⁽³¹⁾. Repare-se como a hábil inserção da expressão latina vem legitimar o vigor que se pretende que extravase do discurso: o orador adquire, assim, plena liberdade para se manifestar como muito bem entende, visto ter-se apossado de invencível argumento. Apresenta, além

(27) Cf. pág.301-302.

(28) Cantel. 1959:248.

(29) O facto do esforço empreendido por outros não ter tido sucesso apesar do carácter continuo imprimido à súplica (que ficara antes expresso pelo Pretérito Perfeito Composto "...todas as igrejas têm representado suas deprecações..." - cf.pág.301 - e pela afirmação "É este o último de quinze dias continuos...") é agora reforçado por "causaram" e "não converteram".

(30) Cf. pág.302.

(31) Cf. pág.302.

disso, estrategicamente, duas perspectivas distintas: "Se a causa fora só nossa e eu viera rogar só por nosso remédio pedira..."/"Mas como a causa, Senhor, é mais vossa que nossa e como venho requerer..." (sublinhado nosso)⁽³²⁾. Após ter estudado o "processo", o pregador coloca, assim, habilmente de lado a possibilidade da "causa" ser apenas sua e do povo da Baía, apontando para o supostamente mais interessado - Deus. É sem delongas que o pregador pretende ver o caso solucionado pelo que o requerimento que apresenta assume, antes, os contornos de uma imposição: "...razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça" (sublinhado nosso). Outrora tais palavras impressionaram, decerto, o auditório da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda; hoje constituem para o Leitor aturado exercício lúdico. É-lhe assim permitido "deslocar" os vocábulos empregues por Vieira e jogar com eles, obtendo como resultado a conclusão de que é justo lutar com justa causa por uma causa justa. Ao possibilitar que se estabeleça uma interessante relação de sinonímia entre razão e justiça, a expressão "...razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça..." reforça, pois, indubitavelmente o valor da "causa" defendida⁽³³⁾. No final do Exórdio, Vieira aproveita, aliás, para pôr em evidência as "regras do jogo" que porá ao serviço dos propósitos que o norteiam: "Sobre este pressuposto Vos hei-de arguir, Vos hei-de argumentar; e confio tanto da vossa razão e da vossa benignidade, que também Vos hei-de convencer. Se chegar a me queixar de Vós, e a acusar as dilações de vossa justiça, ou as desatenções de vossa misericórdia: *Quare obdormis: Quare oblitisceris*, não será esta a vez primeira em que sofrestes semelhantes excessos a quem advoga por vossa causa. As custas de toda a demanda também vós, Senhor, as haveis de pagar, porque me há-de dar a vossa mesma graça as razões com que Vos hei-de arguir, a eficácia com que Vos hei-de apertar, e todas as armas com que Vos hei-de render" (sublinhado nosso). Não há dúvida que "...a auto-referencialidade aponta para fenômenos não verbais mas antes funcionais, gestuais, interaccionais: arguir, argumentar, convencer, queixar, acusar, advogar uma causa, apertar, render" ⁽³⁴⁾. Espanta, de facto, o espírito combativo de Vieira, incansável quando o que está em causa é reforçar as razões que promovam o "bom sucesso" da empresa a que decidiu tenazmente consagrar-se.

(32) Cf. pág.302.

(33) A própria formalização da frase acaba, aliás, por destacar a terminologia que, em regra, se adopta nas alegações judiciais acabando por rogar justiça.

(34) Mendes, 1989:408.

b) Do "processo de acusação"

Não se extingue no Exórdio o tom recriminatório de Vieira no que à Majestade Divina diz respeito. Começado o processo, o pregador, qual artesão ocupado na exaustiva procura de perfeição da sua obra, confere-lhe novos e interessantes matizes. Trata-se de empresa que requer inusitado arrojo; ele mesmo confessa: "Querer argumentar com Deus e convencê-lo com razões, não só dificultoso assunto parece, mas empresa declaradamente impossível sobre arrojada temeridade"⁽³⁵⁾. Os capítulos II, III e IV do sermão são, no entanto, inegável prova do sucesso obtido. De facto, em primeiro lugar, simula-se que S.Paulo entra em cena⁽³⁶⁾ para exortar o pregador a deixar de altercar com Deus. Pondo em jogo eficaz contraste entre o modo Indicativo e o modo Imperativo⁽³⁷⁾ - modo que, como pertinentemente acentua Benveniste, "...*não é denotativo e não visa comunicar um conteúdo...*", caracterizando-se, antes, como pragmático e visando agir sobre o auditor, intimando-lhe um comportamento⁽³⁸⁾ - Vieira consegue, pois, habilmente "desafiar" a entidade divina, estrategicamente escudado por S.Paulo que o faz supostamente adoptar uma atitude humilde. Tal atitude é, aliás, posta em cena posteriormente: "Por mais que nós não sabemos entender vossas obras, por mais que não podemos alcançar vossos conselhos, sempre sois justo, sempre sois santo, sempre sois infinita bondade; e ainda nos maiores rigores de vossa justiça, nunca chegais com a severidade do castigo aonde nossas culpas merecem" (sublinhado nosso)⁽³⁹⁾. A introdução do modo Conjuntivo marca, desta feita, a dúvida e a incerteza perante as atitudes que Deus toma, sendo, pois, forma subtil de as questionar. Ao "amenizar" habilmente com humildade aquilo que foi dito - "...sempre sois justo, sempre sois santo, sempre sois infinita bondade.." - Vieira introduz, além disso, concomitantemente, interessante nuance com semelhante objectivo: apelar a uma tão necessária quanto urgente mudança de atitude por parte Daquela que deve ter como apanágio a manutenção da justiça.

O carácter combativo do pregador sobressai igualmente no cap.II, ficando, desde logo, sobejamente em evidência através da dinâmica que algumas formas verbais empregues encerram: "Os requerimentos e as razões deles, que humildemente presentamos ante vosso divino conspecto, as apelações ou embargos, que interponos à execução e continuação dos castigos que

(35) Cf.pág.303.

(36) Repare-se na notação introduzida no texto "diz S.Paulo".

(37) Cf.pág.303.

(38) Benveniste, s/d:67.

(39) Cf.pág.303.

padecemos, de nenhum modo as fundamos na presunção de nossa justiça mas todos na multidão de vossas misericórdias: *In miserationibus tuis multts. Argumentamos*, sim, de vós para vós, apelamos, mas de Deus para Deus: de Deus justo para Deus misericordioso" (sublinhado nosso)⁽⁴⁰⁾. Veja-se como o Presente do Indicativo, ao mesmo tempo que insufla inusitado vigor ao discurso, garante a objectividade necessária quando o que está em causa é reiterar a urgência de soluções a adoptar. Assim, expõem-se à vista "requerimentos e razões" - "presentamos"; surgem de permeio as "Interpelações ou embargos" - "Interpomos"- e lançados os alicerces de forma segura -"fundamos"- argumenta-se para que a construção final seja sólida. São estes os passos que Vieira considera necessários para "recorrer de uma sentença a Julz ou tribunal superior", ou seja, recorrer da atribuição de injustos castigos. Moisés revela-se, por seu lado, auxílio precioso para lançar novo "ataque" ao tribunal divino, possibilitando ao pregador sublinhar que Deus foi apenas justo no passado e servindo sobretudo - à semelhança de David - para denunciar, por contraste, o presente. Tempos e modos verbais escolhidos reforçam claramente isso mesmo:

Passado (Deus)

"...revogou a sentença..."/"....não só se arrependeu da execução como do pensamento..."/"....arrependeu-se o Senhor do pensamento e da imaginação que tivera em castigar o seu povo..." (sublinhado nosso)⁽⁴¹⁾.

Contraposição Passado/Presente

"...sois o mesmo que éreis e não menos amigo agora, que nos tempos passados, de vosso nome: *Propter nomen tuum*"/ "...Moisés disse-vos: *Ne quaeso dicant*: Olhai, Senhor, que dirão: E eu digo e devo dizer: Olhai, Senhor, que já dizem" (sublinhado nosso)⁽⁴²⁾.

Presente

"Já dizem os hereges insolentes com os sucessos prósperos, que Vós lhe dais ou permitis: Já dizem que porque a sua, que eles chamam *rellgão* é a verdadeira, por isso os ajuda e vencem; e porque a nossa é

(40) Cf. pág.304.

(41) Cf. pág.305.

(42) Cf. pág.305-306.

errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos" (sublinhado nosso)⁽⁴³⁾.

Para Antônio José Saraiva "...o discurso da personagem bíblica não é uma mera súplica, mas uma espécie de meio de pressão psicológica"⁽⁴⁴⁾. Assim se compreende, de facto, o confronto entre o Passado e o Presente nos moldes explicitados pelo esquema que acima reproduzimos. Moisés alertou outrora Deus e conseguiu removê-lo das suas intenções; Vieira adopta procedimento semelhante, chamando a atenção para a realidade - "já dizem"- motivo forte para que Deus mude de atitude. Para reforçar o seu ponto de vista, recorre, de resto, a um outro contraste: contrapõe a religião do herege à cristã ("já dizem" que a segunda é "errada e falsa") e "ajuda e vencem" a "desfavorece e somos vencidos", alicerçando a "recriminação" a Deus. Esta última ficará, além disso, sobejamente expressa através de múltiplas interrogações que, revigorando o discurso, apontam de forma acusatória para a Majestade Divina: "Pois é possível, Senhor, que hãode ser vossas permissões argumentos contra a vossa fê? É possível que se hãode ocasionar de nossos castigos blasfêmias contra vosso nome? Que diga o herege (o que treme de o pronunciar a língua) que diga o herege que Deus está holandês?"⁽⁴⁵⁾. Se o Futuro Perifrástico encerra de forma perfeita todo o espanto que Vieira pretende transmitir face às atitudes de Deus e o modo conjuntivo garante que a indignação extrema que consome o pregador⁽⁴⁶⁾ fique superiormente a nu, é sobretudo o recurso ao verbo "Estar" (em vez daquele que se esperaria, isto é, o verbo "Ser") que causa surpresa. É elucidativo, a esse propósito, o juízo emitido por Paul Teyssier: "*Estar exprime uma qualidade passageira e não inerente ao sujeito, um estado ou uma situação que podem modificar-se*"⁽⁴⁷⁾. "Está holandês" aponta, pois, para uma mudança operada na entidade divina, atribuindo-lhe uma característica que não é da sua natureza e pondo em evidência, de novo, o contraste entre o Passado e o Presente. De um outro contraste entre dois modos verbais (o presente do Indicativo e o presente do Conjuntivo) nasce, aliás, posteriormente, renovado apelo a que se altere a situação vigente na Baía: "Os ventos e tempestades que descompõem e derrotam nossas armadas, derrotem e desbaratem as suas: as doenças e pestes, que diminuem e enfraquecem os nossos exércitos, escalem as suas muralhas e despvoem os seus presidios: os

(43) Cf. pág. 306.

(44) Saraiva, 1980:94.

(45) Cf. pág. 306.

(46) Essa indignação é ainda notória na expressão usada entre parênteses "o que treme de o pronunciar a língua".

(47) Teyssier, 1989:251.

conselhos que, quando Vós queréis castigar, se corrompem, em nós sejam alumlados e eles enfatuados e confusos. Mude a vitória as Insignias, desafrontem-se as cruces católicas, trunsem as vossas chagas nas nossas bandeiras, e conheça humilhada e desenganada a perfídia, que só a fê romana, que professamos é fé, e só ela a verdadeira e a vossa"⁽⁴⁸⁾ (sublinhado nosso). A citação é longa mas assaz sugestiva. Ao demarcar harmoniosamente pela introdução dos dois modos verbais - o Indicativo e o Conjuntivo - quer a realidade que o envolve - as "desgraças presentes"⁽⁴⁹⁾ - quer o seu profundo desejo de que essa sofra radical mudança, Vieira demonstra, mais uma vez, firmemente pugnar pela salvação dos Homens.

O capítulo III assegura a linha de continuidade do pensamento Vieiriano, vincando-se fortemente as mudanças operadas pela entidade divina. Atente-se, pois, nas afirmações do pregador: "Tirais estas terras aos Portugueses a quem no principio as destes; e bastava dizer a quem as destes para perigar o crédito de vosso nome..." / "...tirais estas terras àqueles mesmos portugueses, a quem escolhestes entre todas as nações do mundo para conquistadores da vossa fê e a quem destes por armas como Insignia e divisa singular vossas próprias chagas"⁽⁵⁰⁾ (sublinhado nosso). A oposição Tirar/Dar bem como o contraste que se estabelece entre o Presente e o Pretérito Perfeito do Indicativo são sinais claros de perniciososa mudança contestada, aliás, posteriormente, por Vieira sob forma de interrogação: "E será bem...que às sagradas Quinas de Portugal, e às armas e chagas de Cristo, sucedam as heréticas listras de Holanda, rebeldes a seu rei e a Deus?Será bem que estas se vejam tremular ao vento vitoriosas, e aquelas abaladas, arrasadas e ignominiosamente rendidas?E que fareis (como dizia Josué) ou que será feito de vosso glorioso nome em casos de tanta afronta?"⁽⁵¹⁾ (sublinhado nosso). Curiosa esta mistura entre o Futuro do Indicativo e o Presente do Conjuntivo. De facto, o pregador socorre-se do Futuro para "encenar" uma aparente dúvida perante o que está a acontecer enquanto por intermédio do Conjuntivo assegura claramente uma veemente recriminação a Deus pela gritante injustiça que deixa que ocorra. Põe, aliás, sobretudo em evidência o valor da terra: "Assim fostes servido, que entrássemos nestes novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente, e assim permitis que salamos agora (quem tal imaginara de vossa bondade), com tanta afronta e ignominal"⁽⁵²⁾ (sublinhado nosso). Presente e passado opõem-se sobejamente,

(48) Cf. pág. 306.

(49) Cf. pág. 299.

(50) Cf. pág. 309.

(51) Cf. pág. 309.

(52) Cf. pág. 309.

denunciando os tempos verbais duas atitudes de Deus completamente diversas: primeiro "...fostes servido que entrássemos..." (escolheu-se o Pretérito Perfeito Simples do Indicativo e o Imperfeito do Conjuntivo para salientar que se trata de um procedimento passado) e depois "...permitis que saíamos agora..." (o Presente do Indicativo evidencia, objectivamente, a realidade, sendo o momento que se vive ainda sublinhado pelo advérbio de tempo; o conjuntivo serve como "arma" recriminatória). Para além disso, quer a oposição Entrar/Sair, quer a forma completamente distinta como tais acções foram levadas a cabo - "tão honrada e tão gloriosamente"/"com tanta afronta e ignomínia" - sublinham, mais uma vez, de forma inequívoca, quão necessária é a mudança pela qual o pregador persistentemente brada desde o início do sermão.

Não foi o acaso o critério que presidiu à escolha de apresentação das acções de Moisés no capítulo II e a inclusão de Josué no III. É que se este último "Rasga as vestiduras imperiais, lança-se por terra, começa a clamar ao Céu"⁽⁵³⁾, Vieira considera-se igualmente no legítimo direito de vociferar visto ter "muito maior razão que ele". Não se coíbe, pois, de vivamente atacar o responsável pela situação presente: "...prouvera a vossa Divina Majestade, que nunca sairamos de Portugal, nem fláramos as nossas vidas às ondas e aos ventos, nem conhecêramos, ou puséramos os pés em terras estranhas..."⁽⁵⁴⁾ (sublinhado nosso). Não há dúvida de que o seu coração bate forte pela terra: "Se determináveis dar estas mesmas terras aos piratas da Holanda, porque lhas não destes enquanto eram agrestes e incultas, senão agora? Tantos serviços Vos tem feito esta gente pervertida e apóstata, que nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores, para lhe lavrarmos as terras, para lhes edificarmos as cidades, e depois de cultivadas e enriquecidas lhas entregardes?" (sublinhado nosso). Em vez de se recompensar o justo, "agora" premeia-se o injusto - é esta a mensagem que o pregador pretende deixar clara. A exclamação "Eis aqui para quem trabalhamos há tantos anos!" é, ainda, extraordinária simbiose de ironia e recriminação. Ambas ficam, aliás, sublimemente espelhadas através do bem elaborado cortejo de verbos no modo Imperativo que Vieira tinha ainda guardado para desfilar: "Entregai aos Holandeses o Brasil, entregai-lhe as Índias, entregai-lhe as Espanhas... entregai-lhes quanto temos e possuímos (como já lhe entregastes tanta parte); ponde em suas mãos o Mundo; e a nós, aos Portugueses e Espanhóis, deixai-nos, repudiai-nos, desfazei-nos, acabai-nos" (sublinhado nosso)⁽⁵⁵⁾. O desafio é claro. A situação revela-se de tal maneira atroz que o pregador

(53) Cf. pág. 310.

(54) Cf. pág. 311.

(55) Cf. pág. 311.

se insurge iradamente contra Deus para o convencer, de forma vigorosa, a pôr um ponto final à tragédia presente - daí o recurso às quatro formas verbais no fim da frase "...deixai-nos, repudiá-nos, desfazei-nos, acabai-nos", denunciando a gradação crescente o desespero que cresce dia a dia entre as gentes⁽⁵⁶⁾. Ironia e recriminação surgem, de resto, unidas de novo no final do capítulo: "Holanda vos dará os apostólicos conquistadores, que levem pelo mundo os estandartes da cruz: Holanda vos dará os pregadores evangélicos, que semeiem nas terras dos bárbaros a doutrina católica e a reguem com o próprio sangue: Holanda defenderá a verdade de vossos sacramentos, e a autoridade da Igreja Romana"⁽⁵⁷⁾.

O contraste entre o Passado e o Presente continua a ser constantemente posto em evidência pelo pregador no capítulo IV. Para tal serve-se, em primeiro lugar, da parábola do banquete: "Os convidados fomos nós, a quem primeiro chamastes para estas terras, e nelas nos pusestes a mesa, tão franca e abundante, como de vossa grandeza se podia esperar"/"...se vimos e nos assentamos à mesa como nos excluí agora e lançais fora dela e introduzis violentamente os cegos e mancos e dais os nossos lugares ao herege?" (sublinhado nosso). Se as oposições Presente do Indicativo/Pretérito Perfeito Simples do Indicativo e "excluí agora e lançais fora"/"introduzis e dais os nossos lugares" marcam perfeitamente a diferença de procedimento adoptado para com o católico e o herege, garantindo concomitantemente quer a legitimidade da acusação "Em tudo parece, Senhor, que trocals os estilos de vossa providência e mudais as leis de vossa justiça connosco"⁽⁵⁸⁾, quer do pertinente reparo "Reparai, Senhor, que não é autoridade do vosso divino tribunal, que salam dele no mesmo caso duas sentenças tão encontradas", fica sobremaneira em evidência a necessidade urgente de mudança. No intuito de promover esta última Vieira recupera, aliás, um exemplo verídico da forma de agir de Deus no passado, revivendo as imagens do Dilúvio: "...estáveis Vós mul colérico e irado contra os homens..."/"Romperam-se enfim as cataratas do céu, creceu o mar até aos cumes dos montes, alagou-se o Mundo todo..."/"...começaram a bolar os corpos mortos e a surgir e a aparecer..."/"...e então se representou sobre as ondas a mais triste e funesta tragédia..."/"...não chorastes...enterneceram-se as entranhas de vossa Divindade..."/"...e posto que vos arrependestes..."/"...foi tão intelra a vossa contrição, que não só tivestes pesar do passado, senão propósito firme de nunca mais

(56) Esta atitude do pregador será posteriormente reforçada pela similitude que estabelece com a fol pronuncada por Job (cf.pág.312).

(57) Cf.pág.312.

(58) Cf.pág.313. Note-se que tal mudança é sublinhada ainda um pouco antes pela expressão: "E se esta é, Deus meu, a regular disposição de vossa providência divina, como a vemos agora tão trocada em nós e tão diferente connosco?" que vem, aliás na linha de continuidade enunciada no Exórdio "...agora, Senhor, vemos tudo isto tão trocado...", cf.pág.299.

o fazer"⁽⁵⁹⁾ (sublinhado nosso). Para Margarida Vieira Mendes "A representação do Dilúvio é uma das mais elásticas, aberta à polissemia e a virtuais actualizações de categorias, operações semânticas e fixações imaginárias ao gosto barroco: a hipérbole, a reversibilidade dos elementata ou a antítese catastrófica. Em todas elas preserva-se sempre a ideia de totalidade, categoria dominante mesmo quando prevalece a troca dos elementos da Criação: "romperam-se as cataratas do céu" e "cresceu o mar até ao cume dos montes" (trocas de lugar entre a água e o ar, entre a água e a terra, entre o baixo e ao alto)"⁽⁶⁰⁾. Vieira tirará, de facto, largo proveito, destas imagens do Dilúvio já que não se contenta com a pintura que faz do passado; avança, a passos largos para o futuro. Se "atemoriza" primeiro Deus, aconselhando a reflexão - "Já que as execuções de vossa justiça custam arrependimentos à vossa bondade; vede o que fazeis antes que o façais; não Vos aconteça outra. E para que vejais com cores humanas, que já Vos não são estranhas, dei-me licença que vos represente primeiro ao vivo as lástimas e misérias deste futuro dilúvio..."⁽⁶¹⁾ (sublinhado nosso) - quando ao Dilúvio passado faz suceder de forma brilhante o Dilúvio futuro deixa bem claro que os primeiros atingidos serão os da Baía: "Entrarão por esta cidade com fúria de vencedores e de hereges: não perdoarão a estado, a sexo nem a cidade: com os fios dos mesmos alfanges medirão a todos: chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decoro à sua modéstia: chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito a suas cãs: chorarão os nobres vendo que se não guarda cortesia à sua qualidade: chorarão os religiosos e veneráveis sacerdotes, vendo que até as coroas sagradas os não defendem: chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os inocentes, porque nem a esses perdoará (como em outras ocasiões não perdoou), a desumanidade herética"⁽⁶²⁾ (sublinhado nosso). "*Les Hollandais menaçaient Bahia et la ville pouvait tomber à nouveau entre leurs mains. Vieira envisage cette chute et toutes les horreurs qui l'accompagneraient, mais au lieu de parler au conditionnel, il parle au futur. Alors, ce qui n'était qu'une éventualité, devient une réalité prochaine*"⁽⁶³⁾. A repetição quádrupla da forma verbal "vendo" bem como a repetição quintúpla de "chorarão" reforçam, aliás, dolorosamente, o peso de tal "realidade" ameaçadoramente próxima. A apresentação do eventual dilúvio institui-se, além disso, enquanto estratégia sobejamente eficaz na medida em que possibilita ao pregador não só exprimir

(59) Cf. pág. 315.

(60) Mendes, 1989: 506.

(61) Cf. pág. 315-316.

(62) Cf. pág. 316. A propósito das nefastas consequências que a possível vitória holandesa poderá acarretar no que à fé católica respeito conferir ainda pág. 317-318.

(63) Cantel, 1959: 234.

"...um sentimento pelo qual se identificava com o povo e que talvez não se atreveria a manifestar de maneira directa⁽⁶⁴⁾, como também provocar "...un sursaut chez ses compatriotes et rendre plus efficace leur résistance devant l'envahisseur"⁽⁶⁵⁾.

c) Da Peroração

No início da Peroração as palavras de David são habilidosamente introduzidas para persuadir a Majestade Divina a perdoar: "Por amor de vosso nome, Senhor, estou certo (dizia David) que me havelis de perdoar meus pecados, porque não são quaisquer pecados senão multos e grandes"⁽⁶⁶⁾. Apresentado o argumento, Vieira vai proceder a uma verdadeira acrobacia lúdica em torno de Ter razão e Pedir razão, aproveitando para introduzir no jogo dois cúmplices da sua preferência - Job e David. Vejam-se alguns exemplos elucidativos a esse respeito: "Razão tenho eu logo, Senhor, de me não render à razão de serem multos e grandes nossos pecados"⁽⁶⁷⁾ (neste caso "razão" pode ser substituída primeiro por "justificação" e depois por "argumento"); "Os pecados e maldades, que não ocultais, são a razão do castigo: pois se dais a razão porque a pedis?" ("razão" corresponde a "causa" e "justificação" respectivamente); "Pede razão Job a Deus, e tem muita razão de a pedir...se é condição de Deus usar de misericórdia, e é grande e não vulgar glória que adquire em perdoar pecados, que razão tem, ou pode dar bastante de os não perdoar?"⁽⁶⁸⁾ ("razão" pode, neste caso, corresponder a "justificação", "motivo" e "pretexto"; sublinhado nosso). Por outro lado, "pedir razão" acaba por se tornar sinónimo de pedir justiça - exactamente o que o pregador faz durante todo o sermão. Deixou essa intenção bem clara no Exórdio e retoma-a na Peroração para que fique bem impressa no processo que lava e obtenha a atenção devida por parte do "Juiz". De facto, "*Representa-se uma oração do género judiciário no teatro da pregação; o tradicional motivo do tribunal, tão constante na imaginação literária, materializa-se num discurso inteiro - o sermão - conferindo-lhe forma global*"⁽⁶⁹⁾. Se o pregador se assume, a dada altura, como suplicante é porque além de considerar que a causa o exige, não deixa de ter em conta a necessidade de confirmação de uma estratégia. Para António José Saraiva, Vieira "... escolhe um terreno classicamente

(64) Saraiva, 1980:99-100.

(65) Cantel, 1959:234.

(66) Cf. pág.320.

(67) Cf. pág.321.

(68) Cf. pág.322.

(69) Mendes, 1989:256-257.

vantajoso e eficaz para uma petição: deseja mais o bem e honra daquele a quem faz o pedido de que os seus próprios"⁽⁷⁰⁾. Daí essa atitude de suplicante: "Perdoai, pois, benigníssimo Senhor, por esta grande glória vossa...perdoai por esta glória imensa de vosso Santíssimo Nome: Propter Nomen Tuum"⁽⁷¹⁾. No entanto, os "rigores de tantos e tantos anos" não são votados ao esquecimento: "Pois se a vossa ira, ainda como justo juiz não é de todos os dias nem de muitos; porque se não dará satisfeita com rigores de tantos e tantos anos?". A dúvida perante o julgamento divino daquele que é apelidado de "justo juiz" é bem vincada pelo emprego do Futuro do Indicativo, atingindo a recriminação a Deus o auge quando Vieira interroga: "...como é possível que os rigores de vossa ira se não abrandem em tantos anos, e que se ponha e torne a nascer o Sol tantas e tantas vezes, vendo sempre desembalhada e correndo sangue, a espada da vossa vingança?"⁽⁷²⁾. A hiperbólica imagem da espada correndo sangue - espelho do "morticínio" que se comete - opõe, por seu turno, a lembrança de um passado onde houve justiça, socorrendo-se do exemplo de Josué : "E se Deus como autor da mesma lei ordenou que o sol parasse, e aquele dia (o maior que viu o mundo) excedesse os termos da natureza por muitas horas, e fosse o maior; foi para que concordando a justa lei com a justa vingança, nem por uma parte se deixasse de executar o rigor do castigo, nem por outra se dispensasse no rigor do precelto"⁽⁷³⁾. É, de facto, notável a capacidade argumentativa do pregador: renovando a par e passo os exemplos da justiça que imperava no passado não esgota o seu poder de persuasão; pondo eficazmente em evidência "tantos e tão rigorosos castigos continuados", "por tantos e tão compridos anos que cedo serão doze" acentua eficazmente a gritante injustiça a que urge pôr cobro. E se no final Vieira apela repetidamente ao perdão divino - "Perdoai-nos, enfim para que a vosso exemplo perdoemos" - revelando, ao mesmo tempo, o amor que o une a Deus - "todos desde esta hora perdoamos a todos pelo vosso amor"⁽⁷⁴⁾ - tal confirma que o pregador, munindo-se persistentemente de palavras "*piedosamente resolutas*" do princípio ao fim do sermão, não consegue deixar de fazer alarde de um dos seus mais notáveis traços - o de combatente inato.

Conclusão

Foi breve o percurso empreendido; suficiente, porém, para ilustrar a extraordinária vivacidade de Vieira quando sobe

[70] Saralva, 1980:90.

[71] Cf.pág.323.

[72] Cf.pág.324.

[73] Cf.pág.325.

[74] Cf.pág.326.

ao púlpito. Que para obter a eficácia desejada "*...il raisonne et fait raisonner sur la langue portugaise...*" e "*...les mots et la langue font entre ses mains d'artiste des exercices de souplesse dont ils se sont bien trouvés*"⁽⁷⁵⁾ comprova-o o inusitado emprego de tempos e modos verbais para o qual a presente reflexão não pretendeu senão lançar alguma luz.

Pudemos constatar que no "Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda" o pregador opta preferencialmente por dois tempos verbais - o Presente e o Pretérito Perfeito do Indicativo - com os quais eficazmente "joga" movido por propósitos que, desde o Exórdio, ficam claramente definidos: por um lado, pretende vivamente proclamar a dura realidade que constitui o quotidiano do povo da Baía; por outro, quer opor a tal presente o justo procedimento de Deus no passado para fortemente contestar a injustiça que reina no momento em que profere o sermão. O contraste Presente/Passado coloca-se, pois, ao serviço do pregador como um dos mais sólidos argumentos a apresentar diante do Tribunal Divino. No intuito de acentuar, com inusitado vigor, tal contraste - fio condutor, em nosso entender, de todo o sermão - e promover a mudança, Vieira manuseia igualmente com inexcusável eficácia, nas diferentes partes do sermão, os modos verbais. Assim, no Exórdio, o modo Indicativo indica claramente que o povo da Baía necessita, com urgência, do auxílio divino; na Peroração ganha força o Imperativo para pôr em evidência uma súplica que garanta o termo do "caos" que impera; entre um e outro Indicativo, Imperativo e Conjuntivo conjugam-se harmoniosamente, desafiando, a par e passo, ao cumprimento da justiça. Julgamos, pois, ser legítimo inferir que, através da sua brilhante oratória, o pertinentemente caracterizado por Torga "*misto de gênio, mago e aventureiro*"⁽⁷⁶⁾, deixa sobremaneira a nu que se "*...as categorias gramaticais, aliás, necessárias ao nosso espírito, são bem delimitadas e distintas umas das outras... a realidade da língua viva nos mostra que elas se entrelaçam mutuamente*"⁽⁷⁷⁾. É, pois, através da língua viva que se sente pulsar nos sermões de Vieira essa viva realidade que tempos e modos verbais não mais fazem que espelhar.

Bibliografia

AZEVEDO, João Lúcio dc. *História de António Vieira*, vol.I. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1918.

(75) Cantel, 1961:75.

(76) Torga, 1982:60.

(77) Bolço, 1935:4.

- BENEVISTE, Émile, *O Homem na Linguagem*. Lisboa, Vega, s/d.
- BERCHEM, Theodor, "Sur la fonction des temps verbaux...", in *Le Français Moderne*, Ano 36, n^o4, 1968, pp.287-297.
- BESSELAAR, José Van den, *Antônio Vieira, o Homem, a Obra, as Ideias*, Lisboa, ICALP, 1981.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, "Tempos e Modos em português. Contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo" in *Separata do Boletim de Filologia*, Tomo III, 1935, pp.3-24.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *O Perfeito e o Pretérito em Português*. Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *Os Valores Temporais e Modais do Futuro Imperfeito e do Futuro Perifrástico em Português*. Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1973.
- CANTEL, Raymond, *Les Sermons de Vieira. Étude du style*. Paris, Ediciones Hispano-Americanas, 1959.
- CANTEL, Raymond, "Les idées linguistiques de Vieira", in *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*. Lisboa, Centro Estudos Filológicos, 1961, pp. 62-75.
- CASTRO, Anibal Pinto de, *Retórica e Teorização Literária em Portugal*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973.
- CIDADE, Hernâni, *Padre Antônio Vieira*. Lisboa, Arcádia, s/d.
- CIDADE, Hernâni, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, vol.I. Coimbra, Coimbra Editora, 7^a edição, 1984.
- CUESTA, Pilar Vázquez, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Edições 70, 1983.
- Cunha, Celso e CINTRA, Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Edições Sá da Costa, 1984.
- FOUCAULT, Michel, *L'Ordre du Discours*. Paris, Gallimard, 1971 .
- FOUCAULT, Michel, *As Palavras e as Coisas*. Lisboa, Ed.70, 1988.
- LAPA, Manuel Rodrigues, *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora, 11^a edição, 1984.
- LAUSBERG, Heinrich, *Elementos de Retórica Literária*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 3^a edição, 1982.
- MARCHIESE, Angelo e FORRADELLAS, Joaquim, *Dicionário de retórica, crítica y terminologia literaria*. Barcelona, Editorial Ariel, 3^a edição, 1991.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Ed.Caminho, 2^a edição, 1989.
- MENDES, Margarida Vieira, *Sermões do Padre Antônio Vieira*. Lisboa, Editorial Comunicação, 3^a edição, 1987.
- MENDES, Margarida Vieira, *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa, Editorial Caminho, 1989.
- MENDES, Margarida Vieira, "Vieira: Sermão da Sexagésima", in *Panorama da Literatura Universal*, Lisboa, Círculo de Letores, 1991, pp.171-174.
- SARAIVA, António José, *O Discurso engenhoso*. S.Paulo, Editora Perspectiva, 1980.
- SILVA, Rebelo da, *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII*, vol.5. Lisboa, IN-CM, 1972.
- TEYSSIER, Paul, *Manual de Língua Portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora, 1989.
- TORGA, Miguel, *Poemas Ibéricos*. Coimbra, Coimbra Editora, 2^a edição, 1982.
- VIEIRA, Padre Antônio, *Sermões*, vol.XIV. Porto, Lello & Irmão Editores, 1959.